



PAISAGEM URBANA, ESPAÇO PÚBLICO E IMAGINABILIDADE NO EIXO MONUMENTAL DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, RIO DE JANEIRO

Msc. Adilson de Souza Moreira; Dr. Ayrton Portilho Bueno;

Universidade Federal de Santa Catarina, Doutorando PósARQ-UFSC; Florianópolis, Santa Catarina;
hstcidurb@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina; Prof. Dr. PósARQ-UFSC; Florianópolis, Santa Catarina;
ayrtonbueno@hotmail.com

Resumo

Este artigo objetiva discorrer sobre os espaços e edificações representativos da Paisagem Urbana consolidada no eixo viário monumental constituído pela Avenida Presidente Vargas e seu entorno no Centro do Rio de Janeiro. Sobretudo do ponto de vista arquitetônico e paisagístico, os elementos naturais e culturais e sua relevância à composição da paisagem urbana. Focando no espaço compreendido entre a Via Elevada Perimetral e a Praça da Bandeira, um cenário representativo da História do Brasil, palco de grandes acontecimentos. O estudo resulta das observações e percepções, desenvolvidas de forma empírica e racionalista, adquiridas nos diversos percursos realizados no Rio de Janeiro, durante compromissos acadêmicos. Utilizamos como método a caracterização histórica dos espaços e das edificações, a codificação do espaço urbano estabelecida por Kevin Lynch em sua obra “A Imagem da Cidade”, bem como nos apropriamos de estratégias do método dos “aspectos topoceptivos” (HOLANDA, 1996) e “percursos urbanos” (SOUZA e CABRAL, 1992). Oscilamos entre a escala do bairro e a escala da cidade, buscando identificar ao longo da Avenida Presidente Vargas e seu entorno, os aspectos que proporcionam legibilidade à cidade. Entendendo que a imagem da cidade se constrói sobre a soma das partes constituídas de diferentes espaços, formando uma totalidade, representando o imaginário vigente em cada momento histórico desta construção.

Palavras-chave: Paisagem Urbana; Imagem; Monumento; Legibilidade.

URBAN LANDSCAPE, PUBLIC SPACE AND IMAGEABILITY IN THE MONUMENTAL AXIS PRESIDENTE VARGAS AVENUE, RIO DE JANEIRO

ABSTRACT



This article aims at pondering about architecture, cultural landscape, open spaces and centrality, representative elements of the Urban Landscape consolidated on the monumental axis constituted by Presidente Vargas Avenue and its surroundings in downtown Rio de Janeiro, especially in light of the architectonic and landscape point of view, the buildings, the open spaces in their natural and cultural components, highlighting their relevance to the composition of this unique Urban Landscape, focusing on the area comprehended between Via Elevada Perimetral and Praça da Bandeira, a representative scenario in the History of Brazil; stage for major historical events. The study results from the observations and perceptions developed empirically and rationally, acquired on the several routes taken in Rio de Janeiro during academic appointments. We used as method the historical characterization of the spaces and buildings, the codification of the urban space established by Kevin Lynch in his work “The Image of The City”, as well as making use of strategies of the “topoceptive aspects” method (HOLANDA, 1996) and “urban routes” (SOUZA e CABRAL, 1992). We oscillated between the neighborhood scale and the city scale, attempting to identify, along Presidente Vargas Avenue and its surroundings, the aspects which provide legibility to the city, understanding that the image of the city is built over the sum of the constituted parts of different spaces, forming a totality, representing the current imaginary in each historical moment of this construction.

Keywords: *Urban Landscape; Image; Monument; Legibility;*

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discorrer sobre a construção dos espaços públicos, equipamentos e espaços de cultura popular, elementos imagéticos na percepção da paisagem urbana do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, busca caracterizar tais elementos no espaço, através da evolução da malha urbana e da arquitetura na Avenida Presidente Vargas e seu entorno. Buscamos identificar, através do processo de formação da imagem da cidade, os principais espaços e equipamentos, marcos visuais, relacionando-os à história da cidade e à importância de sua imagem à construção da paisagem, tão singular por seu reconhecido encanto paisagístico urbano, natural e cultural.

O avanço da modernidade impactou sobre o tecido urbano, sobretudo, através da implantação de largas vias e da renovação edilícia. Para a apreensão e percepção da paisagem urbana, num primeiro momento, percorremos o eixo Sul-Norte e posteriormente o eixo Leste- Oeste no entorno e ao longo da Avenida Presidente Vargas. Via amplamente



larga construída entre 1941-1944, rasgando a cidade¹, conduz à Estação Central do Brasil, facilitando o fluxo urbano no sentido centro-zona oeste e conectando com o eixo norte-sul. Tal via, por sua importância à mobilidade urbana, polariza com a Avenida Rio Branco² que a corta perpendicularmente.

Considerando o tecido urbano como um palimpsesto³, espaço onde os objetos estão estampados, ocultos e sobrepostos, buscamos através da contribuição de inúmeros estudiosos do espaço urbano, especificamente dirigidos ao objeto de estudo, realizar a leitura deste fragmento da Cidade do Rio de Janeiro, o eixo monumental e o entorno da Avenida Presidente Vargas, mesclando tempos distintos no tecido urbano consolidado na área central da cidade, caracterizando uma paisagem urbana singular. Procuramos, a partir do espaço gênese do núcleo urbano, dentro de limites⁴ espaciais previamente estabelecidos, realizar a tarefa proposta.

Neste estudo, tendo como referência o percurso urbano que se origina na extremidade Leste da Avenida Presidente Vargas, junto à Via Perimetral, realizamos incursões em uma trajetória relacionada à sua área de influência, partindo do Paço Imperial (Praça XV), seguindo para os Bairros Portuários, passando pela Igreja da Candelária, incursionando pelas comunidades estabelecidas nos morros adjacentes, Estação Central do Brasil e Campo de Santana, até atingir a extremidade Oeste, o Sambódromo, a Praça da Bandeira, o Maracanã e o Cristo Redentor em sua abrangência visual, conforme a imagem a seguir, situando estes espaços arquitetônicos em relação a nossa área, objeto de estudo:



Figura 01: Área de Estudo e a Distribuição dos Espaços Arquitetônicos

Legenda: ○ Paço Imperial; ○ Bairros portuários; □ Candelária; □ Est. Central do Brasil e Campo de Santana; ○ Morro da Providência; □ Sambódromo; ◇ Pç da Bandeira e Cjto de Elevados; ○ Maracanã; ✚ Cristo Redentor; — Av. Pres. Vargas; — Av. Rio Branco; ⇨ Percursos.



Fonte : Googleearth (Marcações do Autor)

As transformações do espaço e as permanências sob a forma de monumentos⁵ edificadas trazem à tona a discussão sobre conceitos implícitos na transformação e composição da paisagem urbana, singularidades inerentes às condições históricas e sociais na construção do espaço urbano e das intervenções realizadas sobre o tecido urbano consolidado. Percorreremos o trajeto proposto, objetivando identificar na monumentalidade do espaço e das edificações a representação social e cultural impressas na paisagem urbana. Ao mesmo tempo, buscamos contextualizar a apropriação social dos signos edificadas em distintos períodos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na análise sobre a imagem da cidade, Kevin Lynch destaca uma categoria específica, a qual define como “imaginabilidade”, condição que daria, a um observador sensível e familiarizado em uma cidade altamente “imaginável”, a possibilidade de “absorver novos impactos sensoriais sem a ruptura de sua imagem básica, e cada novo impacto não romperia a ligação com muitos elementos já existentes. Ele seria bem orientado e poderia deslocar-se com facilidade” (LYNCH, 2010, p. 11). Partindo desta premissa, realizamos os percursos considerando a cidade do Rio de Janeiro como altamente “imaginável”. Aliado a esta condição resgatamos os aspectos históricos, pois, “como fonte inesgotável de reflexão e de ensinamentos, a história urbana interessa de modo particular à urbanística e à arquitetura” (LAMAS 2004, p. 133).

O Rio de Janeiro apresenta diversificados espaços distribuídos em seu tecido urbano que, em maior ou menor grau, estimulam a percepção, possibilitando a identificação e orientação ao indivíduo. À condição de variabilidade na percepção que os lugares apresentam, Holanda (1996, p. 63) atribui o conceito de “aspectos “topoceptivos” do desempenho do espaço arquitetônico”. Tais aspectos, segundo este autor “são aqueles relacionados às expectativas humanas de orientabilidade e identificabilidade dos lugares” (HOLANDA, 1996, p. 63). Esta característica está ligada às possibilidades de apreensão que os lugares oferecem. Kohlsdorf (1996, p. 69) reforça que “os lugares possuem desempenhos cognitivos, ou seja, potencialidades específicas de serem entendidos pelos indivíduos”.

Como estratégia, programamos e realizamos percursos urbanos, registrando imagens, percepções e observações desenvolvidas de forma empírica e racionalista⁶ na análise do espaço urbano, caracterizando historicamente os espaços e as edificações, as quais, de acordo com Souza e Cabral (1992, p. 279), “servem como esquema básico de compreensão de processos gerais de distribuição dos usos do solo através da evolução urbana,



permitindo a articulação de análises específicas sobre as causas desse processo”. Utilizando deste recurso, os autores estabelecem ainda que, “a partir de uma idéia orientadora, é estabelecido um trajeto dentro de uma determinada área específica, onde melhor se caracterizam os processos de evolução urbana a serem analisados” (SOUZA e CABRAL, 1992, p. 279). Oscilamos entre a escala do bairro e a escala da cidade⁷, buscando identificar ao longo da Avenida Presidente Vargas e seu entorno, os aspectos que proporcionam legibilidade⁸ e imaginabilidade à cidade.

A abordagem que estabelecemos neste trabalho ao relacionar elementos imagéticos, marcos visuais, com a legibilidade urbana, levando em consideração a identificação e orientação das pessoas em relação ao espaço urbano, requer, segundo Kohlsdorf (1996, p. 72), “que se examine sua forma a partir de seus elementos visualmente relevantes na estruturação das informações”. Desta forma, estabelecemos um roteiro que objetivou realizar um mapeamento dos elementos mais significativos dos espaços ao longo da Avenida Presidente Vargas e seu entorno, relacionando-os à paisagem urbana, importância histórica, espaço arquitetônico e a apropriação social pelos seus habitantes. Consideramos, então, que “todos esses problemas são percorridos pela questão da imagem urbana, da sua arquitetura; essa imagem abrange o valor de todo o território vivido e construído pelo homem” (ROSSI, 1995, p. 10).

Busca-se também, através do processo de transformação da cidade, representar o imaginário vigente em cada momento histórico, num contexto onde se pode afirmar que “a cidade é lugar onde o fato e a imaginação simplesmente têm de se fundir” (HARVEY, 1992, p. 17). Também, acreditamos que não se pode falar das edificações, espaços públicos e paisagem urbana separadamente, pois, segundo Cullen (2009, p. 135), “se me fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitetura, mas dois já seriam paisagem urbana, porque a presença entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana”. Seguindo esta linha de pensamento, na análise empreendida sobre a paisagem urbana contida na área de estudo, consideramos que “uma imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado” (LYNCH, 2010, p. 09).

A Cidade do Rio de Janeiro em toda a sua modernidade apresenta um mosaico que possibilita uma leitura dos tempos distribuídos em seus espaços, através de sua arquitetura, equipamentos urbanos, largura e movimento das ruas. Na observação da paisagem urbana, as imagens captadas e a percepção das mesmas apresentam subjetividades, condição inerente a cada indivíduo.



3 ESPAÇO PÚBLICO, FORMA URBANA E IMAGINABILIDADE AO LONGO DO EIXO MONUMENTAL E SEU ENTORNO

No Rio de Janeiro, o Largo do Paço é reconhecido pelas edificações históricas, assumindo o caráter de monumento. Elemento marcante na paisagem urbana constitui-se em uma fiel representação da cidade e sua historicidade. Ponto central do chamado Corredor Cultural Praça XV, integra a este espaço um conjunto de vias, “canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial” (LYNCH, 2010, p. 52). Entre estas vias, destacam-se as ruas remanescentes às modernas intervenções no Centro, em boa parte, transformadas em vias prioritariamente pedestrianizadas, onde “os caminhos para peões, insinuantes e ágeis, conferem à cidade a sua dimensão humana” (CULLEN, 2009, p. 56).

A Praça XV, por todo o seu valor simbólico, representa o espaço urbano que, pela imagem simbólica, torna-se um dos suportes para a compreensão da histórica paisagem urbana e da memória social da cidade. Por outro lado, constitui-se em um espaço de grande circulação de pedestres, conduzindo à Estação das Barcas que, sediada em um edifício eclético de 1906, caracteriza-se como o ponto de embarque e desembarque para Niterói, Paquetá e Ilha do Governador, condição que lhe dá o caráter de ponto nodal⁹.



Figura 02: O Paço Imperial
Fonte: Fotos do Autor (Nov./2011-Abril/2013)



Figura 03: Distintos tempos no espaço

Na figura 02, à esquerda, o Prédio do Paço em estilo colonial, na imagem da direita (figura 03) em primeiro plano o Monumento a D. João VI, à esquerda em destaque o Prédio do Paço Imperial, a cima (ao fundo), também em destaque, o Edifício do Centro Comercial Cândido Mendes e seus 42 andares em painéis envidraçados, distintos tempos na paisagem urbana. Um cenário onde a arquitetura desperta diversos olhares que projetam as maneiras como a sociedade se vê, através da forma, dos signos expressos na arquitetura e nos



espaços da cidade onde, por muitas vezes, esse patrimônio se encontra “em condições difíceis de ser percebido e valorizado pelo transeunte. Os valores são encobertos e a memória empobrecida” (SOUZA, 1997, p. 121).

Na continuidade de nosso percurso, em meio à Avenida Presidente Vargas, encontramos um marco¹⁰ visual forte na paisagem urbana, a igreja da Candelária situada num vão central que divide a via em dois braços, local que apresenta um fragmento da antiga Praça do Comércio:



Figura 04: A Avenida e a Centralidade da Igr. da Candelária

Fonte: Google Earth



Figura 05: A Candelária e a Pç do Comércio

Fonte : Foto do Autor (Nov/2012)

A Igreja da Candelária, ao centro na figura 04, emoldurada pela Avenida Presidente Vargas, apresenta uma arquitetura imponente em estilo barroco tardio com cúpula central em cruzeiro e colunas ao redor do tambor. Situando-se num largo central da avenida, entre as pistas, sua implantação reforça o atributo da centralidade, cumprindo o princípio onde, “numa igreja deste tipo cruciforme, o cruzeiro central é geralmente coberto por uma cúpula” (GIEDION, 2004, p. 156). A cúpula em sua projeção não apenas se auto-sustenta, mas exerce uma força que “se eleva para cima, cujas nervuras convergem para um ponto representativo do infinito” (ARGAN, 2005, p. 97).

A edificação, embora iniciada no final do século XVIII, só foi concluída na segunda metade do século XIX, o que certamente influenciou na mescla de estilos, onde se inserem elementos neoclássicos ostentando a fachada com duas magníficas torres simétricas laterais e frontão triangular (figura 05).

Entrecortadas pela Avenida Presidente Vargas, duas pequenas praças, remanescentes da antiga Praça do Comércio, frente a cada uma das edificações, proporcionam em meio ao centro financeiro e a agitação do trânsito, uma paisagem urbana com um ambiente de serenidade, um espaço aberto em meio ao centro financeiro formado por asfalto e concreto, onde se percebe que “a função social dos espaços livres dentro da cidade consiste em permitir que os indivíduos se reúnam” (CHOAY, 1979, p. 290).



O núcleo urbano, tendo no porto o seu elemento formador, cresceu expandindo-se pela orla, caracterizando-se como o território do registro de muitas vivências. Os bairros¹¹ Saúde, Gâmbua e Santo Cristo, delimitados dentro do triângulo formado pelas avenidas Presidente Vargas, Rodrigues Alves, Francisco Bicalho, representam o antigo núcleo portuário.



Figura 06: Av. Pres. Vargas e o porto ao fundo
Fonte: Fotos do Autor (Abril/2014)



Figura 07: Bairro portuário, Rua da Gamboa

A imagem, registrada durante sobrevôo na área de estudo (figura 06), contempla em primeiro plano em diagonal linear a Avenida Presidente Vargas, e os edifícios da Estação Central do Brasil e do Comando Geral do Exército, em destaque à direita. No alto, em destaque à esquerda, o Morro da Providência, ao fundo os bairros portuários da Saúde e Gâmbua. As Ruas antigas, remanescentes aos aterros na área portuária, como a Barão da Gâmbua, principal via do bairro homônimo, apresenta um traçado curvo, acompanhando o arco da antiga enseada, junto à orla, que ali havia (figura 07), remetendo ao cenário urbano da segunda metade do século XIX e início do século XX. Uma imagem que imprime na paisagem urbana o registro de seu passado, em meio à modernidade presente, onde o desenho da malha urbana e as edificações confirmam que a Cidade do Rio de Janeiro tem uma imagem singular, onde se percebe: “sim, as ruas têm alma” (RIO, 2008, p. 34).

Destaca-se, entre a Avenida Presidente Vargas e a área portuária, o Morro da Providência, cuja proximidade com a área central consegue dar uma identidade, ainda maior, a esta forma de ocupação por ser a primeira registrada com o nome de favela¹². Este espaço adquiriu, então, a condição de forte imaginabilidade, pelo caráter simbólico, refletindo a imagem de local de moradia e de abrigo dos mais pobres. Segundo Lynch (2010, p. 51) “existem outras influências atuantes sobre a imaginabilidade, como o significado social de uma área, sua função, sua história ou mesmo seu nome”.

O processo histórico-social em que a cidade se formou, estabelece a consolidação de espaços diferenciados pela complexidade das relações sociais. As favelas configuram-se



como redutos da cultura popular. Nas comunidades de morros do Rio de Janeiro, alguns rituais apresentam-se como elementos característicos, enclaves, que dão identidades próprias às comunidades, algumas, até pela presença de um sincretismo religioso, rituais tradicionais como a roda de samba na Pedra do Sal, predominância de uma determinada escola de samba ou time de futebol, elementos culturais formadores da paisagem urbana singular.

A Avenida Presidente Vargas abriga o Sambódromo da Marquês de Sapucaí e conduz ao Estádio do Maracanã, templos do Samba e do Futebol, dois monumentos da arquitetura consagrados à cultura popular, verdadeiras paixões nacionais, estrategicamente localizados no caminho do povo. Percebe-se aí o espetáculo das multidões. Estes espaços populares marcam claramente a paisagem urbana, onde é perceptível uma relação intrínseca destes lugares impregnados de tradição, próximos a largas avenidas, estações de metrô e trem, facilitando a mobilidade e ampla acessibilidade.

A Avenida Presidente Vargas caracteriza-se pelo intenso movimento urbano, contendo a Central do Brasil, trens e metrôs, verdadeiros pontos nodais¹³, além de corredores de ônibus e a proximidade com outros equipamentos viários. Contrastando com este movimento, temos o Campo de Santana, um imenso passeio público arborizado, situado frontalmente à margem oposta à Central do Brasil. Este espaço pode ser observado em sua relação com a cidade, na imagem a seguir:



Figura 08: A Pres. Vargas, o Campo de Santana, a Central do Brasil e as ruas da Cidade Antiga
Fonte: Googleearth (Marcações do autor)

O Campo de Santana constitui-se em um elemento marcante na paisagem, estrategicamente localizado em meio à urbe agitada, caracteriza-se como elemento de transição e conexão entre a moderna avenida e as ruas antigas, remanescentes às modernas intervenções, preferencialmente pedestrianizáveis. Tais vias são testemunhos de



uma época anterior que se adaptou as exigências da modernidade, pois o “centro antigo é cada vez mais uma parte da cidade contemporânea” (AYMONINO, 1984, p. 23).

A Presidente Vargas termina em sua extremidade oeste em um complexo sistema de elevados, junto à Praça da Bandeira, cujas denominações homenageiam categorias das forças armadas (pracinhas, marinheiros, aviadores e fuzileiros).



Figura 09: Complexo de Elevados
Fonte: Googleearth, panorâmio

Nestes complexos encontros de vias transpostas sobre elevados, segundo Lynch (2010, p. 26), “há uma transição desorientada a ser feita em cada trevo”. Estes equipamentos, por sua vez, permitem que as vias passem sem interromper o tráfego local, não interferindo na continuidade do fluxo, a cidade convive com um elemento estranho, que não interage, mas é funcional. Referindo-se à falta de interação das vias elevadas no meio urbano, Lynch (2010, p. 26) coloca que, “são percebidas como “extrínsecas” à cidade, muito pouco associadas a ela, ainda que a penetrem”.

A identidade da Cidade do Rio de Janeiro, moderna por suas intervenções urbanas e marcada pela sua feição geográfica, está principalmente associada aos seus signos imagéticos, verdadeiros marcos¹⁴, destacando-se os picos elevados (Corcovado, Pão de Açúcar, Urca, Cara de Cão, Dois Irmãos, Pedra da Gávea, etc..), os contornos da orla e sua arquitetura histórica. Entretanto, o Cristo Redentor, observado em ampla perspectiva visual ao longo da Avenida Presidente Vargas, erguido estrategicamente sobre o Corcovado e inaugurado em 1931, apresenta, enquanto obra de arte e imagem em destaque, um diferencial por sua centralidade e valor histórico devido ao significado de sua realização, atribuição de valor e uso da paisagem¹⁵. O Cristo Redentor se constitui em um marco referencial que se distingue na paisagem urbana, considerando que “toda a ação que humaniza a paisagem pode conter objetivos e valores estéticos que se comunicam através dos sentidos ou da percepção” (LAMAS, 2004, p. 61).

O alcance visual do monumento e sua capacidade de promover legibilidade à cidade, enquanto objeto único e estrategicamente situado, possibilita a identificação dos pontos da



cidade em relação ao mesmo. Muito mais do que uma imagem em forma de Cruz, o Cristo Redentor apresenta pontos distintos e identificáveis (frente e costas, lateral direita e esquerda), que, ao mesmo tempo, remetem aos quatro pontos cardeais, distinguindo-se em meio à magnífica paisagem urbana, criando um sistema de orientação no que diz respeito “a noções de acima/abaixo, esquerda/direita, horizontal/vertical, alto/baixo, longe/perto, etc., que permitem ao homem orientar-se na cidade” (LAMAS, 2004, p. 58).

A imagem e visibilidade do monumento, em relação aos espaços da cidade, podem ser observadas a seguir:



Figura 10: Panorâmica do Cristo sobre o Corcovado
Fonte: Google imagens.

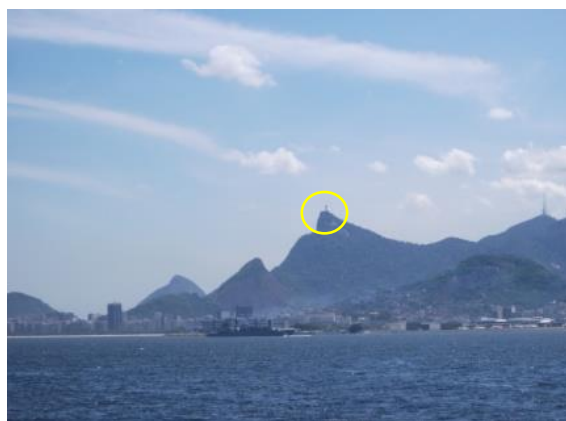


Figura 11: A Cidade e o Cristo.
Fonte: Foto do Autor (Nov./2011)

O Cristo sobre o Corcovado possibilita a quem está no espaço da cidade, a localização em relação a um marco referencial, nitidamente visível pela sua forma e situação geográfica. Lynch (2010, p. 53) destaca que “alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais”. A relação deste principal marco visual com a cidade compõe a sua identidade, sua importância na composição do imaginário, estabelecendo uma relação espacial com o observador e outros elementos da paisagem.

A condição de imaginabilidade possibilita a construção de um mapa capaz de criar uma simbiose mnemônica, situando cada coisa em relação a este objeto, facilmente identificável, onde “um cenário físico, vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social” (LYNCH, 2010, p. 05).

No Rio de Janeiro, para além da variedade de estilos de arquitetura expressa nas edificações, a transformação do espaço urbano revela a construção de uma paisagem urbana espetacular, resultado da preservação do patrimônio construído em meio à evolução urbana. Esta transformação é apreendida na percepção da paisagem urbana composta pelas múltiplas imagens singulares que compõe a Cidade.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de marcos visuais, compostos por elementos arquitetônicos situados na área de estudo, possibilita uma leitura da cidade em sua totalidade, possibilitando clara legibilidade aos espaços nela contidos. Sua grande singularidade está no significado e na beleza do conjunto que se apresenta aos olhos do observador com imensa clareza e a reveste de uma importância especial na composição da paisagem urbana em ampla dimensão pelo espaço público e arquitetura, desvendando tempo e historicidade no espaço urbano. A importância da atividade portuária para a cidade manteve o centro histórico em sua condição de centralidade, aliando cidade e natureza em meio ao conjunto urbano- arquitetônico, proporcionando a nítida sensação de estarmos diante de um “centro ativa e ecologicamente ordenado de uma grande metrópole” (LYNCH, 2010, p. 38).

As transformações urbanas, contidas neste estudo, carregam intrinsecamente os conflitos e as contradições em sua execução. O espaço requalificado, modernizado, representa o estilo de vida civilizado que contrasta com o seu entorno, enfim, um cenário representativo da modernidade. Todavia, os espaços públicos consolidados mantêm o seu princípio norteador, acessível a todos, *a priori*, garantindo o usufruto coletivo. Elementos que constituem os significados implícitos e historicamente instituídos na paisagem urbana, sob o signo da evolução urbana na ocupação do espaço.

A Cidade do Rio de Janeiro possui o atributo que Lynch chama de Imaginabilidade, ou seja, sua característica, enquanto objeto físico que “lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 2010, p. 11). A nova forma de ver a cidade, a partir de uma dimensão estética, fez com que contemplação da paisagem urbana, tanto em seu aspecto cultural ou natural, adquirisse importância cultural. A dimensão da interação cidade e natureza, abarcando o alcance visual em ampla perspectiva, faz com que a imagem da cidade e dos monumentos se confundam em um “encadeamento dialético que permuta a passagem da referência de um monumento em si para a da cidade como monumento, a raiz do significado das cidades” (AYMOMINO, 1984, p. 11).

Na área de estudo, o contorno litorâneo da Baía da Guanabara, o relevo montanhoso, o Cristo Redentor em perspectiva visual, os equipamentos urbanos, os lugares e suas especificidades, o conjunto de vias por onde a cidade se move, a arquitetura das edificações e dos espaços públicos formam o espelho das distintas épocas que compõem esta **paisagem urbana singular**. Ao mesmo tempo, uma imagem em constante construção enquanto espaço arquitetônico. Estes elementos imagéticos, peculiares a cada cidade em



seu arranjo, provocam a inserção do indivíduo em um cenário vivo, único pelas características intrínsecas ao sítio onde estão situados, evocando, de maneira geral, uma imagem única e forte em qualquer observador atento a formas tão singulares. Neste contexto cada cidade é única pela sua imagem.

NOTAS

- ¹ No caminho estavam a própria Prefeitura, a Escola Benjamin Constant, a Candelária e a Praça do Comércio de Grandjean, a igreja de São Pedro dos Clérigos, a de São Domingos e a de bom Jesus do Calvário, a supressão de uma faixa do Parque Júlio Furtado (MELLO JR. 1988, p. 198).
- ² Originalmente denominada Avenida central, inaugurada em 1905, teve a alteração toponímica em 1912, por ocasião do falecimento do Barão do Rio Branco, homenageando-o. (Nota do Autor).
- ³ Harvey (1992, p. 69), refere-se ao “tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um “palimpsesto” de formas passadas sobrepostas umas às outras”. (grifo do autor)
- ⁴ Os limites são as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. São referências laterais, mais que eixos coordenados (LYNCH, 2010, p. 52).
- ⁵ Neste estudo, a palavra “monumento” vale tanto para espaços públicos que contemplem historicidade, para “certas arquiteturas como para certas estátuas, ou esculturas em relevo pleno, contanto que tenham um certo conteúdo histórico-ideológico” (ARGAN, 2005, p. 96). Ao mesmo tempo, “o monumento como um traço de uma cidade, tem a capacidade de evocar sentidos, vivências e valores” (PESAVENTO, 1999, p. 16).
- ⁶ Para tanto, nos apoiamos em autores neo-empiricistas (LYNCH; CULLEN), bem como autores neo-racionalistas (ROSSI; AYMONINO)
- ⁷ Rossi (1995, p. 34) define a escala do bairro como aquela constituída por um conjunto de quarteirões com características comuns; a escala da cidade é considerada, por este autor, como um conjunto de bairros. Para Lamas (2004, p.74), “é a partir desta dimensão, ou escala, que existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. (...).
- ⁸ Kohlsdorf (1996, p. 27), refere-se à legibilidade como a “capacidade dos lugares de serem decodificados, em termos de identificação e localização, por seus usuários”.
- ⁹ A junção ou o local de interrupção do fluxo do trânsito têm uma enorme importância para o observador da cidade. (...), as pessoas ficam mais atentas em tais lugares e percebem os elementos circundantes com uma clareza incomum. (...) A transição de um canal de trânsito para outro parece assinalar a transição entre unidades estruturais importantes (LYNCH, 2010, p. 81).
- ¹⁰ Os marcos são outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Os marcos são um objeto físico definido de maneira muito simples: edificação, sinal, loja ou montanha (LYNCH, 2011, p. 53).
- ¹¹ Os bairros são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam (LYNCH, 2011, p. 52).
- ¹² Antigos combatentes da Guerra de Canudos se estabeleceram no Morro da Providência, a partir daí denominado Morro da favela. Apresentam-se duas razões para esse nome: 1ª) a planta favella, que dera nome ao Morro da Favella- situado no município de Monte Santo no Estado da Bahia- ser também encontrada na vegetação que recobria o Morro da Providência; e 2ª) A feroz resistência dos combatentes entrincheirados nesse morro baiano da Favella (VALLADARES, 2005, p. 29).



- ¹³ Referindo-se as estações, Lynch (2010, p. 82) ressalta que, “são quase sempre importantes pontos nodais urbanos. Alinhadas ao longo de seus sistemas viários invisíveis, as estações do metrô são pontos nodais importantes”.
- ¹⁴ Os Marcos, “em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifícios, sinal, loja ou montanha”. (LYNCH, 2010, p. 53).
- ¹⁵ O Rio de Janeiro com a colocação do cristo Redentor no elevado pico do corcovado (1931), em meio à floresta urbana da Tijuca, equiparava-se a outras urbes do mundo moderno, Nova Iorque com a Estátua da Liberdade (1886) e, principalmente, a Paris com sua Torre Eiffel (1889). (MOREIRA, 2013, p. 163).

5 BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, G. C.. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 280 p.
- AYMONINO, C.. O Significado das Cidades. Lisboa: Presença, 1984. 235 p.
- CULLEN, G.. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2009. 202 p.
- CHOAY, F.. O URBANISMO: Utopias e Realidades- uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979. 350 p.
- GIEDION, S.. Espaço, Tempo e Arquitetura- O Desenvolvimento de uma Nova Tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004- (Coleção a). 949 p.
- HARVEY, D.. A condição pós-moderna- Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 1992. 336 p.
- HOLANDA, F. de. Formalidade e Urbanidade: Dois paradigmas sócio-espaciais. In: MACHADO, D. B. P.; VASCONCELOS, E. M. de (Org.). *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. 264 p. (pp. 63- 67).
- KOHLSDORF, M. E.. A apreensão da forma da cidade. Brasília: Editora da UNB, 1996. 253 p.
- LAMAS, J. M. R. G.. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 590 p.
- LYNCH, K.. A imagem da cidade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 227 p.
- MELLO JR., D.. RIO DE JANEIRO- Planos, Plantas e Aparências. Catálogo da Exposição homônima. Rio de Janeiro: Edição João Fortes Engenharia, 1988. 267 p.
- MOREIRA, A. S.. Modernidade em exposição: modernização urbana e signos metonímicos (Paris, Rio de Janeiro e Florianópolis) (1850-1930). 2013. 281 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2013.
- PESAVENTO, S. J.. O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 393 p.
- RIO, J. do. A alma encantadora das ruas: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 253 p.
- ROSSI, A.. A Arquitetura da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 309 p.
- SOUZA, C. F. de; CABRAL, G. F.. Percursos Urbanos: A Reconstituição da História do Cotidiano. In: FERNANDES, A.; Gomes, M. A. A. de F.. *Cidade & História: Modernização*



das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992. 303 p. (pp. 275- 282).

SOUZA, C. F. de; PESAVENTO, S. J. (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto alegre: UFRGS, 1997. 292 p.

VALLADARES, L. do P.. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 204 p.

FONTES EM MEIO DIGITAL:

<http://pt.scribd.com/doc/memoria-do-rio>